

# **SONHAR, DESEJAR E FANTASIAR: PARA ONDE CAMINHA O SUJEITO?**

## **Sobre a representação atual da psicanálise**

*Joel Birman*

### **I. Itinerários.**

Pretendemos esboçar neste ensaio algumas hipóteses de trabalho sobre a **representação** da psicanálise na **atualidade**. Contudo, esta representação não se forjou precisamente neste final de século, mas foi progressivamente se tecendo desde o início dos anos 80. Além disso, vamos considerar também o campo de oposições onde se inscreve esta representação atual da psicanálise. Para isso, é necessário traçar o esboço de outras representações da psicanálise, que se constituíram em outros momentos históricos deste século. Esta leitura por **contraste** e por **oposição** permitirá circunscrever, então, de maneira mais rigorosa e pregnante, o desenho

da representação atual da psicanálise, pela revelação acurada das linhas de força que a sustentam.

Esta representação da psicanálise na atualidade se apresenta tanto no registro popular quanto nos teórico e erudito. Estes registros são confluentes, por um lado, e homogêneos, pelo outro. Contudo, apesar da homogeneidade e do isomorfismo destes registros, estes não são idênticos. É necessário traçar então as suas mediações entre aqueles, de maneira a tecer devidamente o campo de suas identidades e de suas diferenças.

Esta leitura se baseia em comentários pontuais sobre alguns aspectos da produção teórica e cinematográfica recente, oriunda dos Estados Unidos e da Europa. No que tange à Europa os nossos comentários se restringem à França, pois conhecemos um pouco mais certas particularidades do movimento psicanalítico francês. Além disso, é preciso destacar a sua importância histórica e teórica para os destinos da psicanálise nos últimos quarenta anos. Portanto, reconhecer acuradamente o que se processa na França, na atualidade, é importante para avaliação do futuro próximo da psicanálise. Isso porque existe um contraste evidente entre a estagnação teórica da psicanálise francesa na atualidade e a pujança do movimento psicanalítico francês entre os anos 50 e 80. Enfim, considerar e reconhecer devidamente a existência deste contraste impactante constitui para nós a indicação segura de uma **problemática** a ser pensada e teorizada, pois coloca de maneira densa algumas das questões cruciais sobre o futuro da psicanálise.

Porém, a leitura crítica que vamos empreender sobre a representação da psicanálise na França e nos Estados Unidos tem certamente um impacto sobre os destinos possíveis da psicanálise no Brasil, pois podemos já depreender que o movimento sistemático de **desconstrução** da psicanálise, que se realiza nestes países, evidencia a sua incidência no Brasil. Assim, para nos valermos de uma metáfora antropológica podemos dizer que realizamos uma etnografia às avessas, indo buscar no dito mundo desenvolvido aquilo que vai

se processar futuramente no Brasil. Evidentemente, as coisas não vão se ordenar da mesma forma, pois as diferenças são imensas. Contudo, as linhas de força do processo de desconstrução são similares e são para estas que lançamos a nossa inquirição crítica. Retomamos, então, a mesma figura de estilo utilizada por Castel, quando foi pesquisar a psiquiatria americana dos anos setenta, considerada como sendo a mais avançada, para ler nas entrelinhas os signos anunciadores da psicanálise francesa no futuro<sup>1</sup>.

Não obstante o futuro que já se esboça, a psicanálise no Brasil evidencia ainda a sua pujança, pois a sua forma brasileira de organização social ainda possibilita a existência e o desenvolvimento do **projeto modernista**. Com isso, o que queremos dizer é que existiria uma relação orgânica entre a psicanálise e o **discurso da modernidade**, discurso esse que se silencia progressivamente nos Estados Unidos e na França, mas que ainda é ressonante nos países menos desenvolvidos, da Europa e do Novo Mundo.

Assim, o que pretendemos indicar esquematicamente é que o **modelo de sujeito** fundado pelo discurso freudiano seria o correlato, no campo dos saberes sobre o psíquico, do que se enuncia no projeto da modernidade. Atravessado pelo desejo e pela possibilidade infinita de fantasmear, o sujeito inaugurado pelo discurso freudiano se caracteriza pela **invenção** permanente. Portanto, trata-se de uma modalidade de sujeito fadado à reinvenção constante e sem fim. Enfim, um sujeito que deve recomeçar o seu percurso existencial todos os dias, pois as suas potencialidades nunca se esgotam e as suas realizações ficam sempre aquém do desejado. Contudo, é preciso que o horizonte social e cultural, onde se inscreve a psicanálise, possibilite a existência concreta deste modelo de subjetividade, para que a psicanálise possa se incorporar e o sujeito se encorpar. Nestas condições a psicanálise é bem-vinda, evidentemente. Caso contrário, a psicanálise passa a ser identificada com as figuras do mal, da maldade e do diabólico. Neste contexto, a psicanálise é mal-vinda e maldita.

São estas proposições críticas que pretendemos desenvolver neste ensaio, de forma sumária e esquemática.

## II. Don Juan e os destinos da psicanálise.

A recente comédia americana “Don Juan de Marco” (1995), do diretor Jeremy Leven, tem o poder encantatório de rememorar divertidamente os velhos tempos da psicanálise, mas, ao mesmo tempo, o de indicar alguns dos obstáculos atuais para a manutenção da representação de outrora. Neste campo cômico de evocações, é o contraste de representações sobre os saberes do psíquico que está em pauta. A que nos afirmar? De que se trata, afinal das contas? Antes de respondermos a estas perguntas, vamos esboçar a saga desta narrativa cinematográfica.

Um homem jovem, que pretende ser D. Juan, faz a *mise-en-scène* de que deseja se suicidar, se lançando do alto de um arranha-céu. Trata-se de uma cena corriqueira e naturalizada na atualidade, que se passa em N. York, mas que poderia se realizar perfeitamente em qualquer cidade norte-americana de grande porte. Numa sociedade marcada pelo espetáculo o suicídio é uma cena privilegiada para o deleite do público. Os passantes se aglomeram, então, para assistirem, do melhor ângulo possível, o espetáculo da morte. A polícia se introduz na multidão para cumprir a sua função, procurando dissuadir o potencial suicida de seu desejo. Diante da impossibilidade de convencer o indivíduo de desistir do seu intento é chamado, então, o psiquiatra do hospital do Estado para lidar com o insano.

O psiquiatra permite que o jovem se expresse devidamente, dando as razões de seu desejo de auto-aniquilamento. Porém, em nenhum momento coloca em questão a identidade do suicida. Ele o reconhece como sendo, de fato, D. Juan. Como poderia fazer diferente, se o jovem se veste como tal e usa a sua máscara! Mais do que isso, o psiquiatra exalta o seu poder de sedução, não obstante a recusa amorosa que sofreu. O velho psiquiatra dramatiza a cena em questão, se

anunciando na posição de ser uma personagem da saga mítica de D. Juan. Com isso, o jovem suicida acede à sua palavra, se deixando impactar pelo seu discurso. Desiste, então, de se matar e o acompanha ao hospital psiquiátrico.

No dia seguinte, o diretor do hospital não quer confiar o acompanhamento clínico do caso ao velho psiquiatra, apesar de suas súplicas, pois ele iria se aposentar em poucos dias. Não obstante a demanda daquele, o pedido é recusado. O caso é então enviado para um jovem psiquiatra. Entretanto, este enfia os pés pelas mãos, pois imediatamente quer inscrever o suposto D. Juan num diagnóstico de psicose grave, em função da transformação da identidade do sujeito. Além disso, numa cena ridícula marcada pela dança flamenga, o suposto D. Juan aponta os limites da escuta do psiquiatra, esfregando na sua cara a mediocridade existencial de sua vida erótica e as suas impossibilidades de saber o que seja o verdadeiro amor. Humilhado, pelas verdades que escutou do insano sedutor, o jovem psiquiatra não tem mais qualquer condição de realizar o seu tratamento. Com isso, não obstante as resistências do diretor do hospital, o paciente retorna ao velho psiquiatra inicial. Este teria dez dias para liberar o suposto suicida da internação, ou mantê-lo internado para tratamento, caso se confirme a gravidade de seu estado psíquico, de acordo com as exigências legais.

O que se desenvolve em seguida é a luta entre o velho psiquiatra - que permite o desdobramento dos fantasmas de D. Juan, se inscrevendo sempre na posição de um dos personagens míticos de sua história - e a equipe psiquiátrica, que quer impor o uso de medicamentos pois se trataria de um caso clínico de psicose grave. Neste contexto, o velho psiquiatra e D. Juan fazem um pacto, proposto por este último. Assim, D. Juan teria dez dias para convencer ao velho psiquiatra que de fato seria D. Juan. Se não conseguisse convencê-lo disso, o velho psiquiatra poderia mantê-lo internado e tratá-lo com psicofármacos, sem a sua oposição.

Não obstante a oposição sistemática da direção e da equipe médica, o velho psiquiatra leva esta situação contratual

até o seu limite possível, quase que até o fim da singela história. Assim, o velho psiquiatra ofereceu ao sujeito a possibilidade concreta de se exprimir livremente e de convencê-lo de que seria de fato D. Juan, por meio de argumentos baseados na sua memória e nas suas reminiscências. Ao mesmo tempo, o velho psiquiatra se permitia lançar as suas dúvidas e indagações, quando estas se apresentavam na sua escuta de D. Juan.

O que fica patente, ao longo da narrativa cinematográfica, é o poder desejante que se encontra presente no discurso de D. Juan, não obstante as incoerências e as incompatibilidades de sua história. Foi no poder desejante do sujeito que o velho psiquiatra acreditou e investiu a sua escuta, não obstante a incredulidade provocada pela sua história, em decorrência de suas contradições evidentes.

Porém, o desejo evidenciado por D. Juan não ficou restrito ao campo da consulta e das sessões psiquiátricas. Assim, de maneira insidiosa o desejo passou a impregnar alguns enfermeiros e guardas do hospital psiquiátrico, se difundindo pois no espaço social da instituição. Além disso, o desejo do jovem insano passou a incidir no velho psiquiatra, que começou a evidenciar transformações cruciais no seu cotidiano, principalmente no que se refere às suas relações com a sua mulher. A paixão decantada por D. Juan passou a impregná-lo nos menores detalhes de sua existência. Assim, o velho psiquiatra obeso passou a fazer exercícios para se mostrar mais sedutor para com a sua mulher, além de retomar antigos hábitos de agrado, dos tempos de namoro, para fasciná-la. No roldão do impacto desejante, o velho psiquiatra mudou os seus hábitos cristalizados há décadas pela rotina deserotizante de sua existência: passou também a chegar mais cedo do hospital para transar com a mulher!

Portanto, foi a ressonância do desejo emanado por D. Juan, na existência do velho psiquiatra obeso, que permitiu a este último de sustentar o desejo do primeiro, não obstante as incoerências patentes de sua história. Por isso mesmo, pode se contrapor decididamente aos seus colegas, que que-

riam medicá-lo a todo custo e mantê-lo internado, possibilitando então o desdobramento do universo fantasmático de D. Juan.

O ponto culminante da história foi o reconhecimento, pelo poder judiciário, de que D. Juan não era louco e não desejava de fato se matar. Para espanto e indignação, seguramente, da direção e da equipe médica do hospital psiquiátrico, que queriam convencer o perito do oposto, para mudar o seu parecer técnico. Entretanto, após todo o seu percurso na inverossimilhança de sua história, atravessando a riqueza de seus fantasmas e a certeza de seu desejo, D. Juan pôde dizer ao juiz finalmente que não queria de fato se matar e que apenas ficara desesperado por não ter conseguido seduzir a mulher desejada.

A história é rocambolesca nos seus menores detalhes, sendo marcada por cenas de grande finura na análise psíquica dos personagens. Além disso, a tonalidade bufa marca a leitura crítica do universo psiquiátrico-psicológico, onde foram contrapostas de forma caricata a escuta refinada do velho psiquiatra e a surdez tecnológica da moderna psiquiatria.

### **III. Delírio, sujeito e verdade**

Não vamos mais insistir na saga do filme, mas apenas no que está em questão nesta história, na leitura crítica que pretendemos empreender. Enunciamos inicialmente que o filme em questão tinha o sabor de atualizar uma representação da psicanálise dos velhos tempos, associado aos impasses atuais para a existência plena da representação dos tempos de outrora. Podemos, agora, explicitar o que queremos dizer com tudo isso.

Antes de mais nada, um sabor dos velhos tempos. O que se representa aqui é um velho psicanalista, que sabe que o seu ofício consiste em escutar o analisante. Não uma escuta passiva, pois a escuta implica em comprometimento com o real do analisante e do analista. Portanto, uma forma de es-

cuta que implica numa ética e num engajamento, no registro do real, das figuras do analisante e do analista. Enfim, escuta poluída pelo desejo.

Poderiam nos refutar neste comentário, afirmando que isso é uma grande bobagem e um lugar comum: nada mais óbvio que enunciar que o analista é um sujeito que escuta o seu analisante! Não estamos muito certos disso. Por isso mesmo, preferimos correr o risco de desconfiar e de sermos críticos quanto a obviedade da psicanálise na atualidade. Assim, preferimos dizer que a figura do analista sabe que ele **deveria escutar** o seu analisante: é isso que se diz em todos os manuais de psicanálise. Porém, daí a **escutar de fato** vai uma grande distância e diferença. É a diferença entre os tempos verbais do presente e do condicional. Além disso, é a diferença ontológica entre os registros do fato e do direito. Finalmente, é a diferença **histórica** entre o universo do passado e da atualidade.

Estas pontuações podem ficar mais evidentes se explicitarmos o que implica aqui a escuta de um outro. No filme referido e nos nosso comentários, escutar o outro implica em conferir poder de verdade aos fantasmas e aos desejos do sujeito, mesmos que estes se contraponham aos elementos patentes da sua história manifesta. Vale dizer, escutar o sujeito atribuindo verdade ao seu universo fantasmático, produz como decorrência o **reconhecimento**, de fato e de direito, do seu potencial desejante.

Foi o reconhecimento desta verdade do desejo, fundada na **realidade psíquica**, que o discurso freudiano nos transmitiu com a constituição da psicanálise. A verdade inscrita como desejo, no registro da realidade psíquica, foi contraposta à **realidade material** pelo discurso freudiano<sup>2</sup>. A realidade do que aconteceu de fato, no tempo de uma história de eventos, não consegue dar conta da construção psíquica do sujeito. Isso porque o sujeito interpreta os acontecimentos de sua existência pela mediação de seus fantasmas e de seu desejo. Além disso, manter-se ainda desejante é poder sustentar sempre em aberto, a possibilidade de **interpre-**

**tar** novas versões e articulações de sua história. Portanto, a temporalidade do desejo se separa do tempo dos acontecimentos de maneira a fundar o sujeito no registro simbólico e lança-lo na aventura da historicidade.

Por isso mesmo, o discurso freudiano pôde nos ensinar que o delírio seria uma **tentativa de cura**, pois o sujeito procura se rearticular, **na** e **pela** produção delirante, da catástrofe psíquica provocada pela psicose<sup>3</sup>. Quanto a isso não importa muito dizer que o delírio é incoerente e fragmentário, não se pautando como narrativa pelos princípios da lógica formal. O que interessa efetivamente, antes de mais nada, é reconhecer pelo delírio a possibilidade desejante do sujeito, que se tece pelos fragmentos insistentes e pontuais de suas construções fantasmáticas.

Foi por este viés justamente que o discurso freudiano pôde empreender de maneira sistemática a crítica do discurso psiquiátrico do início do século, na sua leitura acurada de Schreber. Com efeito, Schreber falava delirantemente, mas se fundava na verdade imanente de seu desejo e este conferia sentido aos fragmentos incoerentes de sua história<sup>4</sup>. Estes critérios eram alheios ao discurso psiquiátrico, que se baseava na oposição falso/verdadeiro na leitura do delírio. Porém, Freud foi o suficientemente ousado para afirmar que o delírio de Schreber era uma **verificação** da teoria psicanalítica<sup>5</sup>.

É exatamente isso que provoca a divisão simbólica de territórios na saga de D. Juan, entre o velho psiquiatra, psicanalista por vocação, e os seus colegas, preocupados com a incoerência do delírio. Por isso mesmo, para estes últimos sobra apenas a possibilidade de normalizar o sujeito pelos psicofármacos, num mundo onde os poderes de sonhar, de fantasiar e até mesmo de desejar intensamente se transformaram em sinais inequívocos de enlouquecimento. Porém, isso indica também os limites da racionalidade freudiana na atualidade, revelando a oposição entre a representação da psicanálise de outrora e a da atualidade. Vale dizer, isso re-

vela o quanto é difícil na atualidade de se acreditar ainda no poder encantatório da fantasia e do desejo.

#### IV. Perversão, criminalidade e canibalismo

Entretanto, não é nesta direção que pretendemos prosseguir agora a nossa incursão crítica, mas numa outra. O que queremos comentar inicialmente são as novas versões cinematográficas sobre a psicanálise que começaram a ser construídas nos últimos anos. Estas se forjaram numa vertente marcadamente anti-freudiana. Naquelas, a psicanálise não caminha decididamente na direção de possibilitar o poder de fantasiar do sujeito e de reconhecer a verdade de seu desejo. Estas versões aparecem principalmente na narrativa cinematográfica, mas também na literária. Vamos nos ater aqui em alguns poucos exemplos de filmes, para marcar a diferença frente à última versão de D. Juan.

Assim, nas novas versões cinematográficas a figura do analista é delineada de maneira efetivamente **perversa**. Existem evidentemente outras versões recentes do psicanalista, mas esta que sublinhamos se caracteriza pela repetição e pela insistência de suas diferentes reatualizações. Neste contexto, é a **perversão**, em diferentes graus e medidas, que define sempre a figura do analista e da psicanálise na atualidade. Como conseqüência disso a psicanálise é figurada como sendo uma prática eminentemente perversa, não obstante as variações de detalhes nas diversas narrativas cinematográficas.

Como se apresenta então a figuração da psicanálise como prática perversa? Nestas novas versões a figura do analista não se apresenta mais como alguém que escuta atentamente o universo fantasmático de seus analisantes, para conduzi-los então para o confronto inevitável com as possibilidades e as impossibilidades de seus desejos. Ao contrário, o analista sempre se vale de sua possibilidade de escuta para fazer com que o analisante trabalhe para o analista, para satisfazer o seu gozo e a sua ânsia voraz de poder social. Vale dizer, a

figura do analista manipularia ativamente a transferência amorosa de seus analisantes, para não apenas gozar com isso, mas também para usufruir das benesses que os analisantes podem lhe oferecer, de maneira direta e indireta.

Neste contexto, a figura do analista é identificada ostensivamente com a figura do **mal**. Conseqüentemente, a experiência psicanalítica se delineia como sendo uma prática destinada ao exercício da maldade, explorando, então, o que existe de pior nas pessoas. Portanto, pela manipulação ativa do analista do que existe de mais negro no psiquismo dos indivíduos, a psicanálise se delineia como a **representação da maldade** nos tempos da pós-modernidade.

Podemos depreender, destes poucos elementos destacados, que as histórias em pauta se constituem freqüentemente como cenários de crimes. É sempre com a **figura da criminalidade** que é associada a figura da perversão da psicanálise, por onde se materializa a metáfora da maldade. Além disso, a maldade se atualiza pelas figuras da **frieza** e do **cinismo** do analista, pela forma como forja e realiza o ato criminoso. Portanto, a suposta neutralidade do analista se desdobra no cálculo frio e impiedoso do crime, que se realiza sempre com todos os requintes do planejamento profissional.

Esta foi a *mise-en-scène* que podemos assistir no seriado de televisão “Columbo”, do diretor norte-americano Peter Frinch. Num de seus episódios se relata a história banal de um analista casado com uma mulher muito rica, onde aquele é possuído pelo desejo de eliminá-la e ficar inteiramente com a sua fortuna. Para isso, se vale da cumplicidade de uma jovem analisanda mal-amada, com quem estabelecera uma ligação amorosa visando, já, ao assassinato planejado da esposa. Toda história se desenrola em torno do desvendamento do crime, pela nova versão cinematográfica de Sherlock Holmes, representado pela fina argúcia do detetive Columbo. O que este desvenda é não apenas a história do assassinato em pauta, mas também a manipulação perversa da transferência pelo analista, com vistas à realização do crime. O pon-

to culminante da história passional é a explicitação pelo detetive de que o analista se utilizou da jovem paciente para a realização do crime, pela mediação da sedução amorosa, para se livrar dela em seguida, pela sua evidente posição incômoda.

Neste enredo a figura da analisanda se apresenta como uma pobre criatura carente e muito pouco amada, ciosa, então, de encontrar o seu verdadeiro amor através da figura do analista salvador. Trata-se pois de uma história bem comum e de um desenlace bem trivializado, na nossa triste atualidade psicanalítica. As personagens nos são bem familiares e conhecidas. Conhecidas até demais, diríamos. Assim, existe **acting-out** e **passagem a ato** na análise, de parte de ambos os interlocutores da trama psicanalítica. Contudo, o que se coloca em cena ainda é a dimensão criminosa em que a perversão toma corpo. Portanto, se apresenta de forma grotesca todos os requintes sádicos de que a figura do analista pode se valer para a consecução de seus fins.

Podemos encontrar uma trama similar no filme “O homem apossado”, de Peter Markle. Porém, neste contexto a cena perversa avança bastante, assumindo requintes macabros e se revelando nas suas dimensões trágicas. Trata-se agora de uma história onde a figura da analisanda é uma jovem extremamente fragilizada psiquicamente, no limite da psicose, que vive perseguida pelo terror de ser violada em função de uma curra horrorosa anterior. Com isso, qualquer homem que dela se aproxima pode seduzi-la e brutalizá-la, querendo submetê-la violentamente contra a sua vontade e o seu desejo. Neste contexto, a figura do analista é o único ancoradouro seguro da jovem para se defrontar com o seu universo psíquico terrorífico, pois seria o único homem que ela acredita, de fato, não querer violá-la e que ela poderia então confiar.

Contudo, o analista não seduz sexualmente a jovem analisanda, como no filme anterior. Em contrapartida, se vale da jovem e de todos os seus fantasmas terroríficos para criar no real um cenário criminoso, no qual a analisanda teria

realizado um suposto crime pela passagem ao ato de seus fantasmas. Assim, o analista a trancafia num apartamento decorado pelos objetos e personagens de seus fantasmas, sem qualquer comunicação telefônica com o exterior, de forma que todos os fantasmas terroríficos da jovem tomam corpo e existência dramática. A atmosfera geral é de horror, pesadelo e perseguição, pois os fantasmas tomam volume e se materializam concretamente no real. Entretanto, um crime foi de fato realizado pelo analista, de forma meticulosa e bem planejada, como no filme anterior. Contudo, aquele quer fazer crer ao mundo e à jovem que foi ela que o realizou efetivamente, pela passagem a ato de seus fantasmas e para se livrar de seus perseguidores.

Com isso, o filme se passa num tempo de suspense e de terror, onde o expectador se sente acossado e impedido de se movimentar, tal como a jovem analisanda, submetida que fica às maquinações do psicanalista. Além disso, a narrativa assume a tonalidade de uma estranha familiaridade, em função do fato de que os fantasmas se dramatizam no real da cena criminoso.

Portanto, o sonho se transforma em pesadelo, pois os fantasmas se materializam em ações do sujeito no real. Porém, este não se recorda do que fez. Daí o efeito maior de terror e de loucura engendrado pela planificação perversa do crime pelo analista.

Assim, todo o potencial perverso da cena criminoso foi engendrado pela perversão do analista, que utiliza de todos os seus requintes e de sua finura psicanalítica para engendrar o mal. Para isso, manipula o masoquismo da jovem analisanda como matéria prima para a construção teatral do crime. Enfim, o perigo real, e não apenas o imaginário que representam de fato os analistas e a psicanálise, é a marca registrada que a história deste filme quer fazer acreditar aos seus espectadores.

O “Silêncio dos Inocentes”, a obra prima de J. Demme, indica novamente a perversão do psicanalista. Contudo, a perversão aqui é levada ao seu paroxismo e aos limites do

escândalo visual. Isso porque a figura do analista é materializada agora sendo efetivamente a de um canibal. Assim, a construção da personagem do psicanalista pelo diretor do filme, associa a existência de uma inteligência refinada e arguta, capaz de captar com minúcias o psiquismo do outro e com grandes possibilidades de dedução lógica e de previsão dos acontecimentos - características psíquicas estas desde sempre atribuídas à figura do analista, aliás, no imaginário popular -, e o **canibalismo** sem limites, materializado em atos. É justamente esta articulação entre **logos** e **mal** que é a grande invenção do filme, que se destaca ainda pelo requinte de sua trama e pela construção de seus personagens.

Enquanto tessitura serrada entre *logos* e mal a figura do analista se apresenta, pois, com as marcas inesquecíveis de uma personagem mítica que amaldiçoa e aterroriza o mundo da pós-modernidade. Contudo, ironia e tragédia do mundo em que vivemos: a sociedade não pode dele se livrar simplesmente, pois os poderes instituídos precisam de sua inteligência maldosa e bem treinada para captar a maldade dos sujeitos, para combater o mesmo mal em outras escalas! A razão encarnada como mal teria, portanto, então uma função social inequívoca que não se poderia absolutamente subestimar. Isso porque os poderes dela se valem para conviver com a maldade que impregna e penetra o tecido social por todos os seus poros e interstícios. Este é um dos paradoxos apresentados por esta brilhante narrativa cinematográfica, onde se tece de forma indelével as relações entre a psicanálise, o poder, a perversão e o crime.

Nesta associação entre a psicanálise e o poder, entre o crime e a perversão, a personagem do psicanalista seria a única figura que poderia oferecer indicações precisas que levariam a polícia a descobrir a identidade de um suposto criminoso perverso. Este seqüestra mulheres, para torturá-las e retirar então a suas peles. Para descobrir a identidade deste transexual e impossibilitar novas ações criminosas, necessário seria a ajuda do psicanalista, instrumentando-se

pois pela sua inteligência tecida pelo mal. Porém, trata-se efetivamente de um canibal, indiscutivelmente.

Assim, é a figura do canibalismo que se inscreve no primeiro plano do imaginário social, figuração tecida com mestria pela genialidade da arte. Esta figura do canibal sintetiza simbolicamente as figuras anteriores, que destacamos nos outros filmes que relatamos acima. Com efeito, é sempre a figura do analista canibal que está em cena nas outras versões cinematográficas, apresentada com menor mestria, evidentemente. A figura do analista canibal é o símbolo maior que podemos depreender então de toda esta série da produção cinematográfica.

Desta forma, se o canibalismo implica na voracidade abissal do sujeito e no não reconhecimento absoluto do desejo do outro, num universo psíquico onde existe apenas o seu gozo e onde inexiste qualquer valor de alteridade, a figura do analista nestes diferentes filmes é o canibal por excelência. Nestes termos, a figura canibal do analista devora os analisandos para o seu bel-prazer e o seu gozo, pela manipulação da transferência e pela argúcia de sua escuta interpretativa. Portanto, é a figura do analista canibal e a construção da psicanálise como uma forma de canibalismo que são as peças fundamentais que fundam as novas figurações do analista e da psicanálise nos tempos pós-modernidade. São estes traços eloqüentes que podemos depreender, no registro do imaginário social, da psicanálise e de seus representantes por excelência, tal como se evidencia pela produção cinematográfica.

## **V. Triunfo, ceticismo e melancolia**

A leitura mais superficial nos indica seguramente que nesta safra recente da produção cinematográfica, no que se refere especificamente à representação da psicanálise e à figura do analista, estamos bastante distantes do que se configurava quanto a isso na cinematografia de poucas décadas atrás, entre os anos 40 e 70. O contraste é flagrante. Os bre-

ves comentários que se seguem pretendem ser apenas uma síntese de passagem, para marcar a oposição ostensiva que existe entre os dois momentos históricos indicados da representação da psicanálise e do analista no campo do cinema.

Assim, entre os anos 40 e 60 a psicanálise era frequentemente figurada nos filmes da melhor produção de Hollywood. Esta figuração se realizava de forma direta e indireta, isto é, o psicanalista podia ser concretamente uma personagem do filme ou, então, a psicanálise era um instrumento utilizado para forjar a trama da história e a construção das personagens. Porém, seja de uma forma ou de outra a psicanálise se inscrevia frequentemente no imaginário cinematográfico

Este período histórico corresponde aos anos do *boom* da psicanálise nos E. Unidos, onde aquela ocupava um lugar de grande destaque na cultura norte-americana. Daí advém a positividade de sua representação no imaginário cinematográfico.

De que maneira se figurava a psicanálise e o analista, neste contexto? Nestes filmes, sejam eles de F. Lang, de A. Hitchcock e de E. Kazam, por exemplo, a psicanálise era sempre representada de maneira infalível para o conhecimento das individualidades e de suas perturbações psíquicas. Assim, a psicanálise poderia desvendar os enigmas do psiquismo humano, dando acesso seguro para o deciframento das psicoses e dos comportamentos anti-sociais. Desta forma, a psicanálise poderia ser um instrumento clínico para dissecar as bases psíquicas da criminalidade e até mesmo para libertar definitivamente o sujeito de seus impulsos assassinos. Por isso mesmo, a psicanálise era figurada de maneira positiva do ponto de vista ético, tendo pois uma utilidade social acima de qualquer suspeita.

Assim, a psicanálise poderia desvendar o mal das individualidades, podendo com isso recolocar o sujeito na boa rota de sua vida, reconciliando-o com os seus valores e o seu destino. A psicanálise era então representada sem ter qualquer compromisso com o universo do mal e da perversão.

Pelo contrário, a psicanálise seria um instrumento quase infalível para realizar a conversão do mal em bem, reconduzindo os sujeitos desviados para os valores do amor, da amizade e da família. Enfim, a psicanálise não tinha falhas éticas e era representada de maneira vitoriosa no mundo norte-americano de valores, realizando uma indiscutível função moralizante nestas produções cinematográficas.

Da mesma forma, estamos ainda muito longe da atual versão cinematográfica da psicanálise, na representação pregnante que esta assume nas comédias de W. Allen. Estamos aqui nos anos setenta, momento crucial de virada da cultura americana face à psicanálise. Esta perdeu indiscutivelmente o seu lugar social triunfante e infalível de que gozava anteriormente, sendo julgada pois de maneira cética pela sociedade norte-americana. Portanto, a figura do analista continuava a ter o seu lugar reconhecido, sem dúvida, contudo, o analista é figurado como um ser impotente no exercício de sua função. Vale dizer, a psicanálise ficou muito aquém do que dela se esperava nas décadas anteriores, provocando então o ceticismo e o desencanto. É deste lugar simbólico, onde se inscreveu culturalmente a psicanálise, que podemos interpretar o clima de complacência jocosa, permeado de melancolia, que marca a representação da psicanálise nos filmes de W. Allen.

Assim, podemos depreender das comédias de Allen que a psicanálise é representada como um lugar sagrado de grande respeitabilidade social, por um lado, mas onde o psicanalista não pode nada fazer face aos problemas infinitos de seus analisantes, pelo outro. O efeito humorístico se alimenta deste contraste sempre recocado, entre a onipotência do sagrado e a impotência do terreno. A figura do analista é sempre representada como um senhor bonachão, mas face ao qual todo respeito é pouco. Porém, a divindade de sua função não corresponde às suas possibilidades de realização clínica, se considerarmos devidamente a interminabilidade das análises das personagens de W. Allen. Contudo, mesmo se a experiência psicanalítica não funciona não podemos passar sem

ela. Por isso mesmo, a figura do analista é atravessada, nesta representação, por valores contrapostos: respeito reverencial e impotência. Nós precisamos dele, mas ele não pode fazer absolutamente nada! É engraçado, sem dúvida, mas é melancólico também.

Entretanto, se estamos num momento de virada na relação da cultura norte-americana face à psicanálise, a viragem ainda não se completou. Por isso mesmo, o estilo que marca esta relação é de ceticismo e de desencanto. Porém, mesmo sendo figurada como ridícula pela sua impotência, a psicanálise é uma prática seguramente respeitosa, voltada, pois, para os valores do bem e sem ter qualquer compromisso com o mal, a perversão e o crime.

Considerando, então, esta descontinuidade evidente na produção cinematográfica entre os anos 40 e 80, no que se refere à representação da psicanálise, devemos nos indagar agora sobre o que tudo isso quer dizer sobre a inserção da psicanálise na atualidade. Como podemos interpretar, afinal das contas, esta viragem crucial na representação popular da psicanálise?

## **VI. A Caricatura, o fantástico e o verossímil.**

Nós alinhamos anteriormente alguns poucos exemplos bem **selecionados**, para tornar presente as formas pelas quais a representação popular da psicanálise apresentou uma descontinuidade e foi delineada com outras características nos anos 80. Existe uma infinidade de outros exemplos que caminham na mesma direção que desenhamos aqui, não só no registro do cinema mas também no da literatura. Não os incluímos aqui porque a nossa finalidade não é de empreender um recenseamento empírico exaustivo, mas a de sustentar a leitura que encaminhamos pela construção de um tipo ideal, no sentido que este conceito teórico assume no pensamento de Weber e na tradição da sociologia compreensiva. Para isso, é suficiente a leitura acurada e crítica de alguns poucos exemplos significativos, para explicitar as linhas de

força de sua estrutura significativa, de maneira a indicar então as diferenças e similitudes deste tipo ideal construído sobre a psicanálise face à outros que o antecederam historicamente. Por isso, contrapomos o tipo ideal da representação da psicanálise construído na atualidade (anos 80 e 90), com os tipos ideais dominantes nos anos 40, 50, 60 e 70.

Entretanto, é preciso se indagar agora sobre o que fundamenta esta **construção fantástica**, na representação social da psicanálise. Porém, é preciso enunciar logo que dizer que uma construção é fantástica não implica em afirmar que se trata de uma construção que seja **inverossímil**. Nesta leitura, admitir a dimensão fantástica da construção representacional da psicanálise se articula com a possibilidade de que ela se funda numa certa verdade e se costura numa tessitura de sentido. Por isso mesmo, esta construção imaginária pode ser objeto de uma leitura e de uma interpretação sistemáticas.

Evidentemente, as narrativas cinematográficas exploram a exceção e mesmo as anomalias extremas que se podem produzir na experiência psicanalítica. Nestes termos, a construção imaginária oriunda destas anomalias é caricata. Podemos dizer, até mesmo, que esta construção é risível. Que seja, admitamos. Porém, da mesma forma que a **caricatura** provoca o riso, pelo talento do desenhista em interpretar a personalidade caricaturada pelo exagero dos seus traços mais significativos, isso não quer dizer que ela não seja fonte de verdade. Ao contrário, a sua verdade salta aos olhos literalmente pelos procedimentos criativos da caricatura, que podem assim ressaltar o que nenhuma fotografia realista seria capaz de evidenciar. Enfim, seria o procedimento intencional da distorção que possibilita apreender, em estado nascente, o valor de verdade presente na caricatura.

Da mesma forma, a construção imaginária da psicanálise imanente nestas diferentes versões cinematográficas indicam um núcleo de verdade sobre a psicanálise na atualidade que é insofismável. É crucial para os destinos futuros da psicanálise poder reconhecer isso. O não reconhecimento da

dimensão de verdade desta construção imaginária, implicaria numa certa hipocrisia dos analistas, assustados que ficariam com a crueza ferina da representação em pauta. Face a isso assumiriam uma postura defensiva frente à angústia provocada pelo reconhecimento da dimensão de verdade da construção fantástica. Com isso, ficariam inevitavelmente cegos e surdos.

Contudo, é preciso considerar as produções cinematográficas, no que elas dizem sobre a psicanálise, no mesmo sentido em que o discurso freudiano realizou a leitura das produções literárias. Os postulados, teórico e metodológico, são os mesmos. Vale dizer, existem nestas formações imaginárias uma dimensão de desejo e de verdade do sujeito, que se tece na urdidura do campo fantasmático<sup>6</sup>. Porém, isso não quer dizer que a verdade em causa esteja no registro da realidade material, mas sim no da realidade psíquica do inconsciente e do desejo.

Contudo, o que está em questão agora nesta construção fantástica é a própria psicanálise e não um outro sujeito qualquer. São as novas relações do sujeito com a psicanálise, na atualidade, que constituem a cena fundamental desta construção imaginária. É justamente sobre isso que devemos nos debruçar e nos ater agora. A que núcleo de verdade remetem estas novas versões da psicanálise? O que funda esta construção imaginária que delineamos acima, à guisa de esboço?

## **VII. A experiência psicanalítica.**

A dimensão de verdade desta construção fantástica remete indiscutivelmente para a matéria prima perversa que funda a experiência psicanalítica, correlato da leitura freudiana do sujeito. Assim, o sujeito seria marcado essencialmente pela sexualidade perverso-polimorfa. Esta tese inaugural da psicanálise foi enunciada pelo discurso freudiano em 1905, nos “Três ensaios sobre a teoria sexual”<sup>7</sup>.

Desta forma, enunciar que o sujeito é atravessado pela sexualidade perverso-polimorfa é afirmar que a sexualidade

humana se caracteriza pelo aglomerado caótico das pulsões parciais. Esta mesma base pulsional estaria presente no dito sujeito normal e nas diferentes estruturas psicopatológicas, sejam estas a neurose, a psicose e a perversão. Além disso, numa crítica memorável da sexologia e da leitura biológica da sexualidade humana, o discurso freudiano pôde enunciar que a neurose seria o negativo da perversão, isto é, que aquilo que aparece como ato e como comportamento sexual na perversão, existiria também na neurose, mas de forma camuflada, como recalçado e como sintoma<sup>8</sup>.

Portanto, a leitura psicanalítica das neuroses implica na abertura abissal da potencialidade perversa do sujeito, para possibilitar então um outro destino para as pulsões parciais pela experiência analítica. Congeladas e funcionando em surdina nas diferentes formações sintomáticas, as pulsões são recolocadas numa outra escala de movimento pela análise. O agenciamento clínico desta possibilidade seria construído pela experiência da transferência e em particular pela ordenação da neurose da transferência<sup>9</sup>. Desta maneira, seria pelo trabalho de desconstrução da neurose de transferência, realizado pela figura do analista, que se poderia entreabrir para o sujeito um outro destino possível para as suas pulsões parciais e a reorganização das fixações da sexualidade perverso-poliforma. A incidência simbólica da castração, no processo psicanalítico, seria a condição de possibilidade para a constituição de outros destinos para as pulsões parciais, onde o erotismo assumiria outras formas de existência e a sublimação das pulsões permitiria outras possibilidades de articulação simbólica para o sujeito.

## **VIII. Entre o pansexualismo e a normalização do sexual.**

Assim, a presença da perversidade polimorfa da sexualidade humana indica as dimensões de **incerteza** e de **indeterminismo** que são imanentes na constituição do sujeito do inconsciente. Porém, se isso nos anuncia seguramen-

te que a psicanálise maneja com a explosividade perversa do sexual e que por isso mesmo ela foi representada como sendo **pansexualista** no início do percurso freudiano, isso não implica em dizer absolutamente que a psicanálise tenha sido sempre representada como sendo perversa. E, muito menos, como envolvida na construção da criminalidade. Este traço é absolutamente inédito na representação social da psicanálise, sendo indiscutivelmente forjado nos anos 80.

Desta maneira, baseando-se na leitura do sujeito como sendo perverso-polimorfo na sua constituição sexual, a imaginação ocidental esboçou uma representação da psicanálise no campo da perversão, conferindo o título de pansexualista para o discurso freudiano nos seus primórdios. Porém, logo em seguida esta representação foi silenciada, pelo reconhecimento social e científico que recebeu a psicanálise, desde os anos vinte, em escala internacional.

Com efeito, após a geração heróica inicial do momento psicanalítico, a psicanálise passou lentamente a ser representada como sendo uma prática clínica de **normalização do sexual**. Esta representação correspondeu ao momento histórico de internacionalização da psicanálise, com a organização sistemática da **International Psychoanalytic Association**, que ancorou a psicanálise em diferentes tradições culturais do Ocidente. Além disso, esta representação foi correlata, no registro do imaginário social, da dominância indiscutível do pensamento anglo-saxônico no campo teórico da psicanálise e da hegemonia política da psicanálise norte-americana no campo institucional.

Foi a representação da psicanálise como discurso de normalização do sexual que foi reatualizada pelo pensamento crítico francês dos anos 60, nos campos da filosofia, da história e das ciências sociais. Devemos recordar, que o alvo desta crítica não se restringiu à tradição norte-americana, mas se referia também aos bastiões avançados do pensamento lacaniano<sup>10</sup>.

Assim, se na primeira representação a psicanálise foi delineada como sendo libertária e até mesmo como revoluci-

onária, pela segunda ela foi esboçada como sendo eminentemente repressiva e participando de maneira incisiva nos processos simbólicos de controle social. Na sua representação originária a psicanálise pôde até mesmo ser articulada ao marxismo, desde as primeiras incursões de Reich nesta direção<sup>11</sup> até a de alguns teóricos da Escola de Frankfurt<sup>12, 13</sup>.

## IX. Psicanálise e modernidade.

Nesta perspectiva, na sua representação originária a psicanálise estaria ligada ao discurso da modernidade e ao horizonte teórico da vanguarda. No campo dos saberes sobre o psíquico e nos seus efeitos sobre a racionalidade filosófica, a psicanálise se inscreveria no ideário modernista.

Com efeito, o discurso psicanalítico possibilitaria fundamentar a **invenção** permanente do sujeito, baseando-se para tal na sua essencial incompletude desejante. Com isso, a suspensão do recalque permitiria sempre que as pulsões parciais pudessem constituir, de fato e de direito, outras possibilidades para o sujeito. Nesta leitura, a psicanálise se inscreveria no discurso da modernidade, permitindo forjar sempre novas versões para a subjetividade, a partir de sua incompletude e de sua não substancialidade fundamentais.

Da mesma forma como a modernidade pressupunha a reinvenção permanente de outras possibilidades de escritura e de narrativa no campo da literatura, assim como outras concepções de espaço e de construção de novas formas nos campos da pintura e da escultura, a psicanálise possibilitaria pensar e forjar a reinvenção permanente do sujeito no campo psíquico. Baseando-se, pois, na plasticidade das pulsões parciais e no indeterminismo do objeto de satisfação pulsional, o sujeito poderia ser inventado e reconstituído em diferentes momentos de seu percurso existencial. Pode-se depreender disso a homogeneidade entre o discurso freudiano e o discurso da modernidade.

Nesta perspectiva, a psicanálise foi apropriada com método de criação e de construção poéticas pelo surrealismo,

no pensamento de Breton. Isso se realizou efetivamente não obstante as desconfianças e até mesmo as críticas de Freud para com esta leitura anárquica da psicanálise<sup>14</sup>. Pouco nos importa aqui a concordância ou a discordância de Freud face a esta interpretação da psicanálise, pois Freud não pode dominar inteiramente os destinos e a releitura do seu discurso teórico. O que nos interessa indicar, em contrapartida, é como a psicanálise se inscreveu precocemente no campo crítico do discurso da modernidade, pelas diferentes maneiras em que ela foi incorporada neste campo. De qualquer forma, nesta representação originária a psicanálise foi considerada como crítica da tradição, possibilitando um discurso sobre o sujeito onde se sublinhava neste as dimensões de desejo, de fantasma e de sonho. Enfim, foi por esta representação que a psicanálise se inscreveu no universo da modernidade.

Assim, a transformação desta representação originária pela versão da normalização do sexual e do controle social é um processo mais tardio, do ponto de vista histórico e sociológico. Não obstante esta segunda representação ter começado a se esboçar nos anos 20 e 30, de forma marginal, ela apenas se implantou de fato, socialmente, nos anos 50 e 60. A nova representação da psicanálise se constituiu pela sua crítica e pela sua ruptura com o projeto da modernidade e da *avant-garde*, isto é, pela sua redução a uma forma de tratamento psicológico e psiquiátrico.

Pela leitura da psicanálise fundada na normalização do sexual, o sujeito perdeu o seu poder originário de desejar, de fantasmear e de sonhar. Estas dimensões do sujeito que eram positivadas na representação originária do pansexualismo, foram então negativizadas, passando a serem consideradas como virtudes negativas da individualidade e fonte segura de sua insanidade.

Porém, o enigma permanece. A representação recente da psicanálise constituída nos anos oitenta, onde se caracteriza pela perversão e pela criminalidade, é irreduzível às representações anteriores. Com efeito, a perversidade a que se aludia na representação originária da psicanálise não tem

nada de similar com a figuração da perversão na atualidade. Além disso, a articulação entre a psicanálise, a criminalidade e o canibalismo é absolutamente original, oriunda dos tempos recentes. Portanto, a questão que se impõe é a de como se forjou e se articulou a nova representação social da psicanálise na atualidade, marcando a sua descontinuidade face às suas representações históricas anteriores.

## **X . A crítica da modernidade.**

O que está em pauta na representação atual da psicanálise é a formulação de que esta é um perigo real para o sujeito, sendo pois uma experiência clínica onde tudo pode acontecer. Para o pior, evidentemente. Na representação originária da psicanálise as idéias de inesperado e de surpresa estavam presentes, mas eram positivamente valoradas. A experiência analítica era uma **aventura**, no bom sentido da palavra, onde o sujeito poderia se reinventar e forjar novos destinos para a sua existência. Na atualidade, a noção de que tudo pode acontecer assume uma valoração decididamente negativa, onde o mal vai se tornar presente.

Vale dizer, a psicanálise é uma prática clínica perigosa, pois os analistas não são pessoas confiáveis e idôneas, podendo conduzir as individualidades para os limites da perversão e da criminalidade. Assim, face à psicanálise todo o cuidado é pouco! A figura do analista, pelo seus interesses mundanos e o seu gozo maligno, pode manipular a figura do analisante com facilidade, dada a sua argúcia e a experiência do amor transferencial. A manipulação da transferência ocupa o eixo desta construção poético-crítica, nas suas diversas narrativas cinematográficas. Por isso mesmo, é o instrumento crucial da experiência psicanalítica que é representado de uma forma claramente malévola. Além disso, é o agente por excelência do ato analítico que é colocado em questão, isto é, a figura do analista não é eticamente confiável. Enfim, a figura perversa do analista canibal sintetiza esta construção representacional, daí o seu valor paradigmático.

Porém, o que isso quer dizer, efetivamente? A que reenvia esta leitura crítica da psicanálise, na representação popular? Evidentemente, esta leitura não remete apenas para a existência real de analistas perversos, que manipulam ativamente a transferência de seus analisantes para o seu próprio gozo. Estes analistas existem efetivamente, é claro. E, também, sempre existiram. É óbvio. Ao que tudo indica esta espécie de analista vai continuar a existir. Portanto, a questão não é essa.

Porém, pensar que a existência desta modalidade de psicanalista poderia ser a base empírica desta construção representacional e de dar sentido a esta, é uma leitura pobre e estreita dos processos imaginários e simbólicos de produção de representações sociais. Isso porque se no inventário empírico pode-se constatar facilmente que estas manipulações transferenciais acontecem de fato e com relativa frequência – muito mais do que os analistas costumam admitir habitualmente, não se constituindo pois em exceções grosseiras –, esta base empírica é insuficiente, contudo, para dar conta da pregnância da representação em questão.

Não há dúvida de que esta representação remete para o campo empírico e para a prática social da psicanálise, para delas se alimentar imaginariamente e se construir no registro simbólico. Foi por isso que dissemos acima que esta representação não é inverossímil. Entretanto, esta base empírica é frágil para dar conta da força pregnante da representação atual da psicanálise. Podemos enunciar que se esta base empírica é a condição necessária para a construção desta representação atual da psicanálise, ela é, contudo, uma condição insuficiente.

Para se pensar cuidadosamente na pregnância desta representação é preciso caminhar numa outra direção de indagação, que ultrapasse as verificações possíveis dos campos da prática social concreta da psicanálise e da empiricidade de seus referentes. Assim, o que está fundamentalmente em pauta é a transformação recente dos valores da modernidade na tradição cultural do Ocidente, no sentido de que não se

acredita mais na atualidade, como outrora, de que seria possível para o sujeito se inventar e se reinventar permanentemente. Ou, então, se isso é passível de ser pensado, é considerado, contudo, não desejável e eminentemente perigoso. As aventuras da descoberta existencial e da invenção do sujeito são agora considerados de forma negativa, na sua dimensão ética e mesmo estética.

Nesta perspectiva, o discurso da modernidade e o ideário da vanguarda perdem força poética e poder simbólico na atualidade, que passa a considerar de maneira cética o **estilo crítico** que caracterizou a tradição do Ocidente desde a segunda metade do século XIX. Com isso, é a própria idéia de modernidade que está em questão neste particular. Neste contexto, a psicanálise identificada com o projeto modernista é colocada também na berlinda, sendo, pois, sujeita às mesmas suspeitas e desconfianças.

## **XI. A desconstrução da psicanálise.**

Na ideologia conformista e cética da atualidade o que está em pauta é a oposição sistemática ao projeto da modernidade. É sempre isso que está em questão nas múltiplas formas que se apresentam de controle social e nas novas modalidades de normalização das individualidades, vigentes nos E. Unidos e na Europa desde os anos 80.

Por isso mesmo, o discurso psicanalítico perde terreno no espaço social de forma progressiva, sendo paulatinamente substituído pela psiquiatria psicofarmacológica e pelas novas formas de cognitivismo nos discursos psicológicos, psicopatológico e psicoterápico. Isso se passa tanto na Europa quanto nos E. Unidos de forma significativa. Assim, se há bem poucos anos atrás a psiquiatria francesa e a norte-americana eram fundadas na psicanálise, seja como psiquiatra psicanalítica seja como psiquiatria dinâmica, atualmente a psiquiatria demanda a sua identidade médica e faz de quase tudo para se proclamar como sendo absolutamente independente da psicanálise.

Com isso, nos deslocamos do campo da representação popular da psicanálise na atualidade para os registros de suas representações teórica e erudita. A nossa finalidade é de indicar não a identidade destes diferentes registros na representação da psicanálise, mas a sua confluência e homogeneidade, como anunciamos inicialmente.

Assim, a psiquiatria adquiriu novamente um poder indiscutível na atualidade, na completa independência da psicanálise. Após o auge do ideário modernista, no campo dos saberes do psíquico, nos anos 50, 60 e 70, onde a psicanálise como discurso de invenção do sujeito assumiu indiscutivelmente a hegemonia teórica entre os discursos do psíquico, a psiquiatria se desvencilhou da psicanálise e pretende trabalhar agora para o seu aniquilamento definitivo. Vale dizer, não interessa mais ao discurso psiquiátrico a existência de uma psicanálise fundada nos valores da modernidade, mas de apenas reconhecer como legítima uma psicanálise transformada pelos paradigmas biológico e cognitivista da atual psiquiatria. Enfim, a relação entre a psicanálise e a psiquiatria se inverteu novamente na atualidade, onde agora é a psiquiatria de novo que assume a posição hegemônica no campo dos saberes do psíquico.

Por isso mesmo, existe atualmente um movimento teórico e sistemático da psiquiatria para empreender a **desconstrução** do discurso psicanalítico. Este pensamento desconstrutivo se realiza em diferentes níveis de complexidade, como veremos ainda, atingindo pois o núcleo da racionalidade psicanalítica de diversas maneiras. De qualquer forma, o processo de desconstrução teórica da psicanálise está em marcha, sendo bastante visíveis as suas táticas e estratégias operacionais de ação. Se a psicanálise, como dimensão constitutiva do discurso da modernidade e não como sendo domesticada pela psiquiatria, vai conseguir sobreviver a isso tudo, nós não sabemos. É ainda um enigma. A história é sempre a fonte e o palco de surpresas e do inesperado. Por isso, não podemos nos antecipar ao seu processo. Podemos indicar apenas como estas estratégias e táticas operacionais da

psiquiatria, visando sistematicamente a desconstrução da psicanálise, se caracterizam. Para interferir ativamente na história, onde se jogam passionalmente os destinos humanos, é preciso reconhecer o funcionamento operacional da desconstrução, para se poder então agenciar a direção dos processos históricos no campo dos saberes do psíquico.

É para isso que vamos nos voltar agora, à guisa de conclusão deste percurso teórico.

## **XII. Estratégias e táticas de desconstrução.**

Nesta perspectiva, vamos empreender um breve sumário deste processo de desconstrução da psicanálise pela psiquiatria, caminhando metodologicamente das críticas pontuais e bem circunscritas para as críticas mais englobantes e totalizantes. Se a finalidade de desestabilizar os fundamentos da racionalidade psicanalítica é sempre a mesma, os alvos são efetivamente complementares.

Assim, vejamos. A construção atual da categoria nosológica denominada de síndrome do pânico é a forma pontual de desconstruir a leitura da fobia empreendida pela psicanálise, constituída de maneira acurada no discurso freudiano<sup>15</sup>. Desta maneira, busca-se ativamente o deslocamento da leitura do universo fantasmático do sujeito para os registros orgânico e bioquímico do corpo somático. É o silenciamento do sujeito que está em causa aqui, onde este passa a ocupar novamente o lugar de simples epifenômeno dos processos bioquímicos. Da mesma forma, a moderna leitura da depressão, empreendida pela psiquiatria da atualidade, é o modelo mais avançado desta construção teórica, onde o sujeito desaparece face ao anonimato funcional dos mecanismos bioquímicos. Desta forma, constitui-se uma leitura bioquímica das funções psíquicas, onde a função sujeito e o conceito de inconsciente não ocupam mais qualquer lugar teórico<sup>16</sup>.

Contudo, se estas formulações críticas são bem circunscritas e pontuais, relançando novas hipóteses alternativas

para o trabalho clínico e propondo uma outra explicação para as estruturas psicopatológicas, este movimento de desconstrução não se restringe a isso, mas o ultrapassa em muito.

Com efeito, existem formulações bem mais ousadas e brilhantes no campo teórico de desconstrução da psicanálise, onde o que está justamente em questão é o eixo fundamental da experiência psicanalítica, centrado na transferência. O que está em pauta aqui é não apenas a credibilidade mas a própria existência da transferência, como um instrumento simultaneamente clínico e teórico da psicanálise. Conseqüentemente, o que se coloca em questão aqui é o conceito de inconsciente, pois a teoria da transferência em psicanálise supõe o conceito de inconsciente.

Assim, existe uma longa e vasta produção teórica recente sobre a hipnose, a sugestão e a persuasão, que se produz tendo como alvo evidente a desconstrução do dispositivo analítico da transferência. Esta produção científica pretende desconstruir sistematicamente o conceito de transferência em psicanálise, apagando a sua especificidade teórica e a reduzindo aquilo de onde Freud a desbastou para constituí-la como um conceito eminentemente psicanalítico<sup>17</sup>. Nesta perspectiva, a transferência não seria senão uma modalidade de hipnose e de sugestão<sup>18</sup>. Com isso, a experiência psicanalítica se reduziria a uma clínica baseada na sugestão e na persuasão, em nada diferente de outras práticas já existentes na psiquiatria e que já existiram em outros tempos deste século.

Nesta direção crítica de pesquisa o que se pretende é justamente a desconstrução sistemática da psicanálise pelo silenciamento de sua especificidade clínica, ao se enunciar a sua não singularidade conceitual.

Como sabemos, a psicanálise procurou articular a especificidade de sua experiência clínica, no discurso freudiano, ao demonstrar criticamente a sua diferença essencial face à prática hipnótica sugestiva e persuasiva. Foi por este viés que o discurso freudiano construiu a sua singularidade no registro clínico.

Assim, foi pelo impacto da transferência que o discurso freudiano pôde fundamentar que existia uma maneira do sujeito falar de sua história que seria marcada pela veracidade, pois o que o sujeito dizia pela transferência ela não falava no seu discurso patente e racional. Portanto, a transferência foi a maneira do discurso freudiano fundar esta veracidade do sujeito e reconhecê-la, não obstante as astúcias defensivas do eu. Enfim, a transferência seria a forma por excelência, no registro da experiência psicanalítica, de se demonstrar a existência da veracidade do fantasma, do desejo, da realidade psíquica e do inconsciente, contra as suspeitas de manipulação da verdade que pairavam sempre sobre a hipnose, a sugestão e a persuasão.

Portanto, a transferência era a maneira de se verificar, no real do registro da clínica, as hipóteses teóricas ousadas sobre a sexualidade perverso-polimorfa, os fantasmas e o inconsciente, que sustentavam a arquitetura libidinal dos sintomas. Desta maneira, pela efetividade da transferência seria possível demonstrar que as hipóteses teóricas do discurso freudiano eram sustentáveis conceitualmente, pois poderiam se configurar no registro operacional da clínica psicanalítica. Com isso, a psicanálise não seria uma fantasmagoria teórica.

No entanto, nas mais atuais e inteligentes formas de desconstrução teórica da psicanálise o que se coloca em questão justamente, de maneira aguda e crítica, é a fundamentação do dispositivo da transferência e o seu correlato conceitual, isto é, a teoria do desejo, do inconsciente e do fantasma. É o fundamento do discurso psicanalítico que é aqui visado de forma direta e sem artifícios retóricos.

Por este viés, podemos encontrar o ponto de articulação entre o que é realizado no registro da representação teórica da psicanálise e o que se tece no registro da representação popular. Como enfatizamos acima, na representação popular da psicanálise na atualidade o que se destaca é que a figura do analista se caracteriza pela manipulação da transferência, jogando a transferência para o seu gozo e o seu usu-

fruto pessoal. Com isso, é a figura clínica da perversão que se coloca no primeiro plano da representação, que se desdobra então na figura da criminalidade. É a forma de indicar o que existe de mal e de perigoso na aventura psicanalítica. Portanto, não existiria qualquer ética regulando a psicanálise, que se pautaria pela manipulação da transferência pelo analista para o seu gozo perverso. Desta forma, isso seria o equivalente na realidade fílmica e na construção fantástica da narrativa artística, do que se processa simultaneamente na representação teórica, onde se pretende realizar a desconstrução da psicanálise pela revelação da falta de qualquer fundamento teórico para a transferência, que se reduziria à hipnose, à sugestão e à persuasão. Enfim, se o inconsciente não existe e se a verdade do desejo do sujeito não se funda sobre nada, tudo que se processa na experiência psicanalítica não passa de uma produção e de uma maquinação do psicanalista, que pode realizar com o indivíduo o que quiser e bem entender.

### **XIII. A psicanálise como maldição.**

Se retomarmos agora, à guisa de concluir o conjunto de fios discursivos que puxamos neste percurso, para pensar o que está em pauta numa das representações mais pregnantes da psicanálise da atualidade, podemos enunciar que o que está em questão é um movimento de desconstrução que se evidencia nos registros da representação popular e da teoria. No momento que escrevemos estas páginas, esta desconstrução se realiza já de forma acelerada, sem os pudores e as resistências de seu início.

A desconstrução da psicanálise se realiza numa direção bem circunscrita e precisa, isto é, quando o discurso psicanalítico ainda se identifica com o discurso da modernidade. Vale dizer, quando a psicanálise se estabelece como sendo a garantia teórica e ética de que o sujeito pode ser inventado e reinventado permanentemente, pois se o sujeito é plástico pela sua mobilidade pulsional ele mantém sempre a sua aber-

tura possível para o desejo, o sonho e os fantasmas. Nestes termos, a psicanálise se choca com a ideologia conservadora dominante, onde pelo ceticismo e pela melancolia se realiza a desconstrução sistemática do projeto da modernidade.

Neste contexto, a psicanálise é representada popularmente como sendo um dispositivo clínico diabólico e perverso, onde a figura do analista manipula os seus analisantes para o seu bel-prazer. No registro teórico, a psicanálise é representada como sendo uma prática sem qualquer fundamento teórico, se reduzindo pois às vicissitudes manipulatórias da hipnose, da sugestão e da perversão.

Em tudo isso, o que podemos assistir é o ganho inacreditável de poder pela psiquiatria, nas suas vertentes farmacológica e cognitiva. Para ambas, o que se pretende é regular o sujeito nos registros sintomático e comportamental; num sentido contrário ao das possibilidades desejanças do sujeito. Portanto, o que se pretende realizar é um movimento de anti-invenção do sujeito, onde se acredita que este já foi há muito descoberto e que não se tem mais que inventá-lo.

Porém, isso quer dizer também que neste projeto ético da atualidade, no que isso incide no campo dos saberes do psíquico, existe também um movimento sistemático para silenciar a dor e o desejo, como se em si mesmos a dor e o desejo fossem perigosos, pois são as únicas vias pelos quais o sujeito pode se inventar. Assim, quem ainda investe nestas vias de reinvenção do sujeito se identifica popularmente com as figuras da maldição e da perversão, indo até o limite de se identificar com a criminalidade e as outras formas de anomia social.

Evidentemente, a psicanálise se identifica com o valor da **transgressão**, pois opera na fronteira do desejo, onde os limites da regra e da interdição são tênues e fluidos. Existe algo de prometeico no discurso psicanalítico, pois trabalha no limite de que é possível reinventar o sujeito pelo desejo. Porém, no mundo da atualidade a invenção permanente do sujeito se transformou num tabu. Com isso, o conformismo social virou regra e o direito de existência do desejo e da fan-

tasia deixaram de ser reconhecidos. Enfim, por tudo isso a psicanálise foi identificada com a maldade e a maldição, passando a ser representada como maldita.

## Referências Bibliográficas

- 1 - Castel, F., Castel R., Lovell, A. *La société psychiatrique avancée. Le modèle américain*. Paris, Grasset, 1979
- 2 - Sobre isso, vide: “Remarques sur un cas’ de nevrose obsessionnelle (L’homme aux rats)” (1909). In: Freud, S. *Cinq psychanalyses*. Paris, Presses Universitaires de France, 1995; Freud, S. “Deuil et Mélancolie” (1917). In: Freud, S. *Métapsychologie*. Paris, Gallimard, 1968.
- 3 - Sobre isso, Vide: Freud, S. “Pour introduire le Narcissisme” (1914). In: Freud, S. *La vie sexuelle*. Paris, Presses Universitaires de France, 1973; Freud., S. “Remarques psychoanalytiques sur l’autobiographie d’un cas de paranóia” (1911). In: Freud, S. *Cinp Psychoanalyses*. op. cit.
- 4 - Idem.
- 5 - Idem., p. 320-321
- 6 - Sobre isso, vide os textos freudianos sobre a estética psicanalítica: Freud, S. *L’inquiétante étrangeté et autres essais* (1906 - 1928). Paris, Gallimard, 1985.
- 7 - Freud, S. *Trois essais sur la theorie sexuelle* (1905). 1º ensaio. Paris, Gallimard, 1987.
- 8 - Idem
- 9 - Freud, S. “Remémoration, répétition ét élaboration ”(1914). In: Freud, S. *La technique psychanalytique*. Paris, Presses Universitaires de France, 1972.
- 10 - Sobre isso vide: Foucault, M. *Histoire de la folie à l’Age classique*. Paris, Gallimard, 1972; Foucault, M. *La volonté du savoir. Histoire de la Sexualité*. Volume 1. Paris, Gallimard, 1976; Caastel, R. *Le psychanalysme*. Paris, Maspero, 1973; Deleuze, G., Guattari, F. *L’anti-Oedipe. Capitalisme et Schizophrénie*. Paris, Minuit, 1972
- 11 - Sobre isso, vide: Reich, W. *A revolução sexual*. Rio de Janeiro, Zahar, 1974; Reich, W. *L’analyse caractérielle*. Paris, Payot, 1971; Reich, W.

*The mass psychology of facism*. London, Condor, 1972; Reich, W. *Listen, little man!* Londres, Condor, 1976.

- 12 - Habermas, J. *Connaissance et intérêt*. Paris, Gallimard, 1976.
- 13 - Ronamet, S. *Teoria crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983
- 14 - Sobre isso, vide a carta de Freud à S. Zweig, de 20 de julho de 1938, In: Freud, S. *Correspondance*. 1873 - 1939. Paris, Gallimard, 1979, p. 490.
- 15 - Sobre isso, vide: Freud, S. "Analyse d'une phobie chez un petit garçon de 5 ans" (Le petit Hans) (1909). In: Freud, S. *Cinq Psychanalyses*. op. c. t. ; Freud, S. "Le refoulement" (1915). In: Freud, S. *Métapsychologie*. op. cit.
- 16 - Sobre isso, vide: Widlörber. *Les psychotropes, une manière de penser le psychisme?* Paris, *Les empêcheurs de penser en romd*, 1990; Wildlöber, D. *Les Logiques de la dépression*. Paris, Fayard, 1983.
- 17 - Freud, S. *La technique psychanalytique*. op. cit.
- 18 - A bibliografia sobre isso é imensa. Como referência pontual citarei apenas: Stenger, I. (Coordenação). *Importance de l'hypnose*. Paris, *Les empêcheurs de penser en romd*, 1993.